

INFORMATIVO

SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO

**Teologado São
Justino de Jacobis,
celeiro da missão**



O que aprendemos durante a pandemia?

Recentemente li um artigo na revista estadunidense *The New Yorker* sobre como as pessoas têm aproveitando as mudanças causadas pela pandemia, em suas respectivas rotinas, para adquirir novos conhecimentos. Havia exemplos de tudo quanto é tipo de curiosidade aprendida, desde a arte japonesa da *ikebana*, até avançados conhecimentos de informática. Houve quem simplesmente aprendeu a organizar ou participar de uma reunião no *Zoom* e houve quem aproveitou esse tempo para aprender a desmontar e remontar o motor do próprio carro. A verdade é que a pandemia mudou nosso jeito de aprender e o *YouTube* foi redescoberto como um verdadeiro manual do mundo onde há tutoriais de como se fazer de “um tudo”, mas isso é assunto para outro texto.

O artigo da *New Yorker* levou-me a refletir sobre o que aprendi de novo durante a pandemia. E quando me dispus a pensar sobre isso, percebi que avancei bastante em alguns conhecimentos que o meu trabalho atual exige de mim, principalmente no *Photoshop*, e até me surpreendi por aprender um pouco sobre transmissões ao vivo via *OBS Studio*. Mas, não é sobre conhecimentos técnicos que quero falar. A pandemia tem sido um duro teste psicológico para todos nós. A necessidade de isolamento social, aliada às notícias diárias de milhares de mortes - muitas delas evitáveis, caso tivéssemos governantes mais capazes e humanamente sensíveis ao sofrimento alheio - causam nas pessoas de bom coração (cada vez mais raras), um verdadeiro nó na garganta, que já dura mais de um ano. Somos tomados por uma sensação de impotência. Além do cumprimento das medidas básicas de segurança, nós que não somos profissionais da saúde, nem governantes, pouco podemos fazer. Isso nos tira o chão.

Para cuidar um pouco da mente, tenho a aproveitado o período de isolamento para fazer algumas re-leituras. Começou com o primeiro *lockdown*, ainda no final de março do ano passado. Tomei ali, despreziosamente, Cem Anos de Solidão, de Gabriel Garcia Marquez. A releitura deste clássico, que tanto marcou minha juventude, causou em mim uma sensação tão reconfortante, em meio ao caos instalado, que decidi buscar novas releituras até que a mínima ordem se restabeleça. Desde então, após o clássico do colombiano Gabo, reli: O apanhador no Campo de Centeio (J. D. Salinger), que me decepcionou um pouco; O Memorial do Convento (José Saramago), um deleite a cada página; a Rosa do Povo (Carlos Drummond de Andrade), assustadoramente atual; Dom Casmurro (Machado de Assis), este me impressionou menos do que na primeira leitura; Julio César (Shakespeare), monumental; o Aleph (Jorge Luis Borges), mais intrigante que antes; e claro, neste meio tempo, houve alguns que

comecei mas não tive paciência para terminar, como os Sertões (Euclides da Cunha) e Ulysses (James Joyce).

De todas as releituras, uma merece destaque especial, afinal é uma re-releitura, já que pela milésima vez dediquei-me a “ouvir” a epopéia de Riobaldo, chegado ao final, pela terceira vez, do Grande Sertão: Veredas (João Guimarães Rosa). Neste tempo pandêmico, esta leitura impactou-me mais do que antes, principalmente a descrição das duas travessias do *Liso do Sussuarão*, também chamado de *Veredas Mortas*. Para aquele que não está familiarizado com a obra, o Liso do Sussuarão é um longo trecho do sertão, extremamente árido, com características semelhantes a de um deserto, e que precisa ser atravessado pelos jagunços do bando de Riobaldo - personagem principal e narrador da história - para atacar a fazenda do Hermógenes - o máximo vilão, verdadeira personificação do demônio. Assim relata Riobaldo, sobre a primeira travessia do Liso: *‘As chuvas já estavam esquecidas, e o miolo mal do sertão*

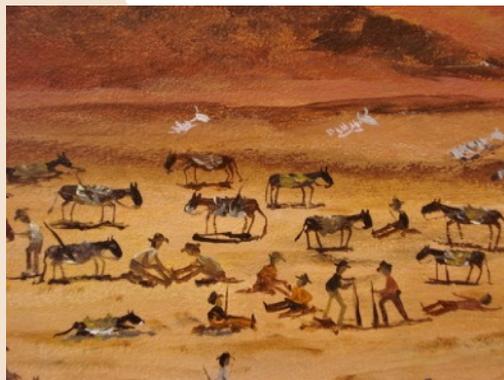


Ilustração: J. Murillo

residia ali, era um sol em vazios. A gente progredia dumas poucas braças, e calcava o reafundo do areião - areia que escapulia, sem firmeza, puxando os cascos dos cavalos para trás. Depois, se repraçava um entranço de vice-versa, com espinhos e restolho de graviá, de áspera raça, verde-preto cor de cobra. Caminho não se havendo. (...) Como vou achar ordem para dizer ao senhor a continuação do martírio, em desde que as barras quebraram, no seguinte, na brumalva daquele falecido amanhecer, sem esperança em uma, sem o simples de passarinhos faltantes?’

Esta pandemia tem sido nosso Liso do Sussuarão, uma longa e dura travessia por um areião de tristeza, caminho difícil e penoso, mas que precisamos trilhar com perseverança e fé, se quisermos transpassa-lo visando vencer este mal que nos assola. Tenhamos paciência e coragem, mesmo porque, mais para o final do livro, quando se dá a segunda travessia do Liso, este já não é apenas aridez, mas é possível perceber nele muitas flores, a alegria viva de vários animais e até uma pequena vereda, que ajuda a matar a sede daqueles que tentam realizar esta impossível travessia.

Dedicar parte do meu tempo a estas leituras já vividas, longe de alienar-me da realidade, ajudou-me a compreender melhor o momento em que estamos vivendo e deu-me um pouco mais de forças para enfrentá-lo. Então, durante a pandemia, aprendi que a companhia dos clássicos literários, junto ao trabalho (que não parou) e à prática da oração diária, formam, para mim, um poderoso tripé que ajuda a sustentar minha sanidade. E você, caro leitor, o que aprendeu durante estes tempos sombrios? ■

SUMÁRIO

Palavra do Visitador | pág. 4

Em meio à pandemia, manter a fé no Cristo ressuscitado
Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

CM Global | pág. 5

Padre Pedro Opeka é indicado ao Prêmio Nobel da Paz
Da Redação

Artigo I | pág. 6

A missão do formador de presbíteros hoje
Pe. Dejair Roberto de Rossi, CM

Artigo II | pág. 10

O impacto da Fratelli Tutti na formação dos nossos missionários
Pe. Wander Ferreira, CM

Obra em Destaque | pág. 12

Seminário São Justino de Jacobis
Ramon Aurélio

Espaço dos Seminaristas | pág. 14

Projeto Reciclagem Solidária
Seminaristas do Teologado Vicentino

Cotidiano Provincial | pág. 16

A imunização chega à Casa Dom Viçoso
Cléber Teodósio

Família Vicentina | pág. 18

Conversa com Ada Ferreira
Sacha Leite

Pastoral Vocacional | pág. 20

Comunhão e alegria, um convite vocacional
Pe. Denílson Matias, CM

Artigo III | pág. 22

Santa Catarina de Labouré e seu projeto de santidade
Ir. Luzdari Serna, FC e Pe. Luiz de Oliveira Campos, CM

Entrevista | pág. 24

Ir. Carolina Mureb, FC
Da Redação

Texto | Página 25

Credo Vicentino
Pe. Luiz de Oliveira Campos

Perfil | pág. 26

Ir. Paulo Afonso Ferreira
Sacha Leite

Notícias | pág. 28

Dica de Livro | pág. 30

Torto Arado
Da Redação

Dica de Filme | pág. 30

O Vendedor de Sonhos
Pe. Alexandre Nahass Franco

Memória da Província | pág. 31

Paróquia Imaculada Conceição - Culto Ecumênico
Da Redação



Província Brasileira da
Congregação da Missão

EXPEDIENTE

ISV Nº 314

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral
da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe.
Emanuel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM |
Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM

Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Pe. Alexandre Nahass | Pe. Denílson Matias | Pe. Eli Chaves |
Pe. Luiz de Oliveira Campos | Ir. Luzdari Serna | Pe. Dejair
Roberto de Rossi | Pe. Wander Ferreira | Cléber Teodósio |
Ramon Aurélio

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

www.pbcm.org.br/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br
Tel: (21) 2556-1055

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Foto da Capa

Pe. Denílson Matias, CM

Edição Fechada 25/03/2021

*As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus
autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do
Informativo São Vicente. Desde já, nos desculpamos por possíveis
equivocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.*

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Em meio à pandemia, manter a fé no Cristo Ressuscitado

“Onde está o perigo, cresce o que nos salva.” (Hyperion, de Friedrich Holderlin)

Neste tempo de pandemia, esperávamos ansiosos a vacina. Ela veio devagar, a conta-gotas, acompanhada de uma devastadora onda de contaminação que ceifa diariamente milhares de vidas e coloca a todos diante de uma crise imprevisível, profunda e que parece não ter fim.

Nada de negacionismos ou racionalizações, indiferenças ou desânimos! A crise está aí e afeta fortemente a todos nós, em todos os aspectos pessoais e sociais de nossas vidas! Com o Papa Francisco, podemos dizer que nenhuma crise é total e definitiva, sempre há uma saída.

“Quando o coração das pessoas é posto à prova, elas tomam consciência do que as estava prendendo. Também sentem a presença do Senhor que é fiel e responde ao clamor do povo. O encontro que ocorre nos apresenta a possibilidade de um futuro melhor”. “Ousemos sonhar!”

Para nós cristãos, a crise nos coloca dentro do mistério salvífico de morte e ressurreição de Cristo, que é a saída, a porta, o caminho para a vida em abundância. A dura experiência desta pandemia nos situa no caminho do calvário, abraçando e assumindo a Cruz, na certeza de que o Senhor está conosco e carrega conosco a cruz. Afetados por um vírus invisível, a cruz nos aponta para tantos outros vírus que estão ao nosso redor e sufocam a vida, o vírus da fome, da injustiça, do materialismo individualista e consumista, do desrespeito com a casa comum... A cruz nos indica a solidariedade que devemos abraçar, na confiança em Deus que nos promete vida nova, nos convida a construir algo novo, a tornar novas todas as coisas, transformando o “vale de aridez” de nossas vidas e de nosso mundo em “terra fértil”, “cujas trilhas se enchem de fartura” (Sl 65).

A crise vivida na pandemia nos possibilita dela sairmos melhores ou piores. Ela nos faz inquietos e sofridos no alto do calvário, nos convida à conversão e nos abre o horizonte e o compromisso de vida nova,

conquistada pela ressurreição de Cristo – “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão? (...) Mas graças a Deus, que dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Cor 15, 55.57). Cristo ressuscitado nos libertou para a liberdade, para uma vida nova segundo o Espírito de Deus. Na pandemia, podemos fazer a experiência de morrer para o que nos desfigura e renascer para sermos criaturas novas.

Estamos em pleno tempo pascal, marcados pela assustadora pandemia que sinaliza o *apelo de nossa fé*

para vivermos na dinâmica pascal – “Penso que os sofrimentos do momento presente não se comparam com a glória futura que deverá ser revelada em nós (...) a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade, e da glória dos filhos de Deus” (1Cor 8, 18-21). Na força libertadora da ressurreição, importa continuar firmes, fortalecer os valores de fé, desenvolver atitudes novas, ousar sonhar alto, sempre comprometidos com o mundo novo desejado por Deus e inaugurado entre nós em Cristo.

Na força da ressurreição, sigamos firmes e em frente em nossa travessia! Fortaleçamos e formemos sempre mais nossos corações e nosso agir no compromisso, na esperança e na certeza da vida em abundância instaurada por Cristo!

Na força da ressurreição, sigamos firmes e em frente em nossa travessia! Fortaleçamos e formemos sempre mais nossos corações e nosso agir no compromisso, na esperança e na certeza da vida em abundância instaurada por Cristo!

“Assim fala o Senhor: O Senhor te conduzirá sempre e saciará tua sede na aridez da vida, e renovará o vigor do teu corpo; serás como um jardim bem regado, como uma fonte de águas que jamais secarão” (Is 58, 11). “Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (Jo 16, 33). “Por Cristo, tudo desprezei e tenho em conta de lixo, a fim de ganhar a Cristo (...) Persigo o objetivo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama em Cristo. (...) Contudo, seja qual for o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente” (Fl 3, 8b.14.16). ■

Da redação

Padre Pedro Opeka é indicado ao Prêmio Nobel da Paz

Já é a segunda vez que o lazarista, fundador da Associação Akamasoa, está no hall dos indicados ao título

Pe. Pedro Opeka, CM, e a associação humanitária Akamasoa foram indicados ao Prêmio Nobel da Paz 2021. Organizado por instituições suecas e norueguesas desde 1901, o Nobel busca reconhecer pessoas ou grupos com contribuições notáveis em seis áreas do conhecimento, dentre elas o ativismo pela paz, que é a categoria em que Pe. Pedro Opeka foi cogitado.

Nascido em 1948 na Argentina, filho de pais refugiados eslovenos, o Padre Opeka começou a trabalhar pelos pobres desde muito jovem, quando viajou para diversos países. Odenou-se em 1975 na Congregação da Missão e em 1989, devido ao sucesso com os jovens e sua alta qualificação em conhecimento de línguas, seus superiores o nomearam diretor de um seminário teológico vicentino na capital de Madagascar, onde logo percebeu a extrema pobreza nas favelas locais, além da degradação humana

do “povo do lixo”, que vasculhava os morros em busca de algo para comer ou vender.

Assim, convenceu um grupo a deixar a favela e melhorar sua sorte, ensinando-lhes técnicas de alvenaria, que aprendera com seu pai na infância, para que pudessem construir suas próprias casas. A ideia era oferecer a essas pessoas moradia, trabalho e educação. Desde então, o projeto cresceu, não sem dificuldades, garantindo tais direitos básicos, além de serviço de saúde aos milhares de malgaxes pobres, com o apoio de muitos doadores internacionais e amigos da Associação Akamasoa.

Durante sua visita à Cidade da Amizade Akamasoa, em 8 de setembro de 2019, o Papa Francisco observou que, em suas bases, “é uma fé viva traduzida em ações concretas capazes de ‘mover montanhas’” e que seu sucesso mostra “que a pobreza não é inevitável”. ■

Cena do documentário “Opeka”, 2020. Inauguração de casas em Antananarivo, capital de Madagascar.

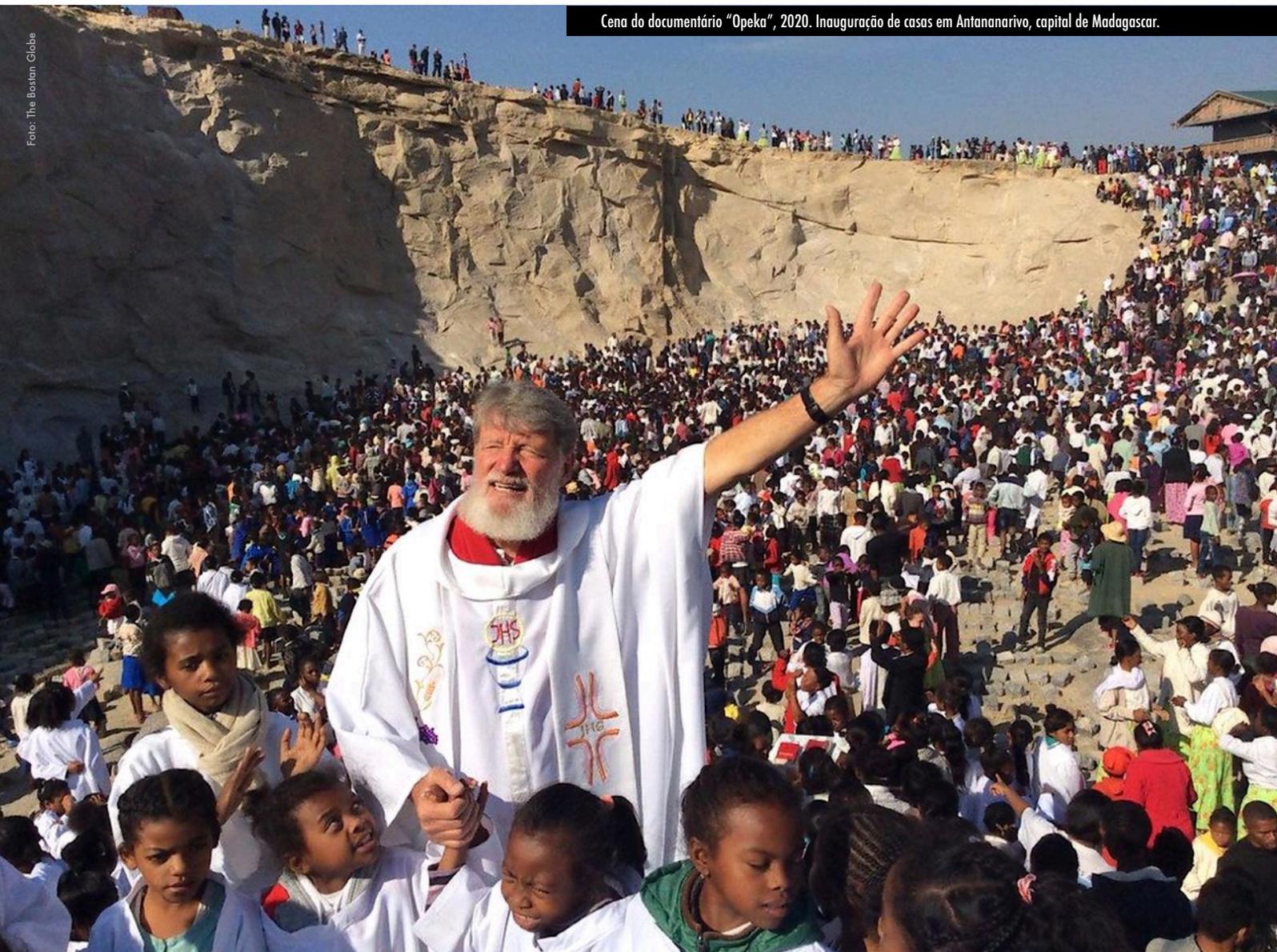




Ilustração: Henri

Pe. Dejair Roberto de Rossi, CM

A missão do formador de presbíteros hoje

Uma reflexão sobre a identidade dos formadores do clero a partir do documento "O Dom da Vocação Presbiteral"

Se perguntarmos a um leigo ou leiga qual a missão do formador no Seminário, certamente, responderiam que é formar padres. Mas, se perguntarmos o que é o padre, qual a sua identidade, a sua missão, com certeza teriam dificuldades em responder. É que para falar da missão do formador de presbíteros é preciso que antes saibamos qual a sua identidade, sua missão e qual a função do seminário na formação sacerdotal.

Por isso, nesta breve reflexão sobre a missão do formador de presbíteros, vamos, inicialmente, ater-nos à identidade do padre como servidor de Deus e dos irmãos; depois, falaremos da formação presbiteral como

um caminho de configuração a Cristo. Em seguida, abordaremos alguns elementos fundamentais da espiritualidade sacerdotal. Por fim, falaremos da missão do formador e de alguns desafios que se colocam para o exercício de sua missão hoje.

1. A identidade sacerdotal como serviço a Deus e aos irmãos

De acordo com o documento da Congregação para o Clero, O Dom da Vocação Presbiteral (DVP), publicado em 2019, todo candidato ao sacerdócio apresenta-se como um mistério no qual se entrelaçam e coexistem



dois aspectos de sua humanidade que precisam ser integrados. De um lado os dons e qualidades; de outro, os limites e fragilidades (n. 28).

O compromisso formativo consiste, então, em integrar esses aspectos, sob o influxo da graça, num caminho de fé e de progressivo e harmonioso amadurecimento dos mesmos, evitando fragmentação, polarização, excessos, superficialidade e parcialidade. O seminarista é chamado a sair de si para caminhar em Cristo, empenhando-se, sob a ação do Espírito Santo, para realizar uma síntese interior, serena e criativa, entre força e fraqueza, a fim de conduzir todos os aspectos de sua personalidade a Cristo, de modo a servir a Deus e ao próximo com liberdade (n. 29).

Embora todo o Povo de Deus seja um Povo sacerdotal (LG n. 17; PO n. 2) e cada fiel batizado possa oferecer *“um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”* (Rm 12,1), foi da vontade de Deus instituir dentre os fiéis, alguns como ministros que possuíssem o sagrado poder da ordem para oferecer o sacrifício, perdoar os pecados e exercer o ofício sacerdotal. Assim, ao mesmo tempo que são parte inseparável da comunidade eclesi-

al, os sacerdotes são também constituídos pastores e guias do mesmo povo (n. 31).

Em vista desta graça e desta missão, o sacerdote é, então, chamado a cultivar o seu espírito missionário, exercendo a função pastoral de guia, dotado de autoridade; de mestre da Palavra e de ministro dos sacramentos; praticando ao mesmo tempo a paternidade espiritual (n. 33). Portanto, em sua natureza específica, o ministério sacerdotal é interpretado como *“serviço à glória de Deus e serviço aos irmãos, no seu sacerdócio batismal”* (n. 31), e a identidade presbiteral, fundamentalmente, é servir a Deus e aos seus desígnios, e ao próximo em suas necessidades.

2. A formação presbiteral como caminho de configuração a Cristo

Segundo a Carta aos Hebreus, Cristo realizou a missão que lhe foi confiada pelo Pai junto à humanidade de maneira sacerdotal. Sendo santo, inocente e sem mancha, Ele, cheio de misericórdia e compaixão, intercedeu por nós (Hb 7,26), com extrema docilidade, selou uma nova e eterna Aliança com o Pai, assumindo na mente e no coração a sua vontade (Hb 8,10), e, com clamor e lágrimas, ofereceu-se a si mesmo como sacrifício (Hb 9,14-15), tornando-se *“causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem”* (Hb 5,9), e constituindo-se no *“sumo sacerdote eminente e eterno”* (Hb 5,10).

Como sumo e eterno sacerdote, Jesus realiza uma proximidade singular tanto junto de Deus, como dos homens, apresentando-se ao mesmo tempo como Pastor, Servo e Dom. Como Pastor, Ele reúne, cuida, acompanha e segue as ovelhas perdidas da casa de Israel, conduzindo-as ao redil da casa do Pai (Mt 9,36; 15,24). Como Servo, lava os pés dos discípulos, pedelhes que façam a mesma coisa, e partilha da nossa dor e sofrimento até a morte na cruz (Jo 13,4-5; Lc 22,24-27). Como Dom, faz-se oferta total de si à Igreja: *“Tomai e comei, isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim. (...) Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vós”* (Lc 22,19-20).

Segundo São João Paulo II, a ordenação presbiteral exige de quem a recebe assumir os mesmos sentimentos e atitudes de Cristo, como bom Pastor, Servo generoso e Dom total a serviço do Povo de Deus, tornando-se *“capaz de amar com um coração novo, grande, puro, com um autêntico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, juntamente com uma espécie de ciúme divino, com uma ternura que reveste inclusivamente os matizes do afeto materno”* (PDV, n. 22). Então, o presbítero, *“unido intimamente a Cristo, poderá anunciar o evangelho e tornar-se instrumento da misericórdia de Deus; guiar e corrigir; interceder e ter a seu cuidado a vida espiritual dos fiéis que lhe estão confiados, escutar e acolher, correspondendo também às experiências e às questões profundas do nosso tempo”* (DVP, n. 40). >>>

3. Interioridade e Comunhão, elementos fundamentais da espiritualidade presbiteral

De acordo com O Dom da Vocação Presbiteral (PDV), para realizar o cuidado pastoral junto ao povo de Deus, com grande liberdade e espírito evangélico, o presbítero precisa de “*sólida formação e maturidade interior*”, que vá além de um simples revestimento de hábitos virtuosos e mera obediência formal aos princípios. É necessário que, crescendo na caridade, adquira uma equilibrada e madura capacidade de relacionar-se com o próximo, que lhe propicie aquela serenidade, humana e espiritual, que “*superada toda forma de protagonismo e dependência afetiva, lhe permita ser o homem da comunhão, da missão e do diálogo, capaz de consumir-se com generosidade e sacrifício pelo Povo de Deus, contemplando o Senhor que oferece a sua vida pelos outros*” (DVP, n. 41). Em síntese, trata-se de cultivar uma vida espiritual centrada na comunhão com Cristo segundo os Mistérios celebrados durante o ano litúrgico, e alimentada pela oração e a meditação da Palavra (DVP, n. 42).

“*Nesta relação íntima com o Senhor e na comunhão fraterna, os seminaristas serão acompanhados para que reconheçam e corrijam a ‘mundanidade espiritual’: a obsessão pela aparência, uma segurança doutrinal ou disciplinar presunçosa, o narcisismo e o autoritarismo, a pretensão de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a ação litúrgica, a vangloria, o individualismo, a incapacidade para escutar o outro, e todo gênero de carreirismo. Ao invés disto, sejam educados à simplicidade, à sobriedade, ao diálogo sereno, à autenticidade e, como discípulos na escola do Mestre, aprendam a viver e a trabalhar naquela caridade pastoral que corresponde ao ser “ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (1Cor 4,1) (PDV, n. 42).*”

Sendo a formação sacerdotal um caminho de transformação interior, ela deve renovar a mente e o coração do seminarista para distinguir o que é da vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito (Rm 12,2). Deve torná-lo capaz de discernir e pautar a realidade da vida humana à luz do Espírito e assim escolher e decidir de acordo com a vontade divina. Esse discernimento deve começar pela vida pessoal a fim de integrar a própria história e a própria realidade na vida espiritual, de modo que a vocação ao presbiterato não permaneça um ideal abstrato e nem corra o risco de reduzir-se a mera atividade, exterior à consciência pessoal. O que implica um humilde e constante trabalho sobre si mesmo, através da abertura honesta à verdade da vida e às reais exigências do ministério. Desse modo, o seminarista

aprende a julgar os movimentos e os estímulos que motivam as suas ações, como também a se governar; aprende o sentido do que pode e não se pode fazer, e a administrar as próprias energias, planos e compromissos com equilibrada disciplina, e a si mesmo com um conhecimento honesto dos próprios limites e possibilidades (PDV, n. 43).

Evidentemente que este trabalho interior, como afirma o documento DVP, não é fruto apenas das forças humanas. É dom da graça divina que nos torna capazes de superarmos a nós mesmos, irmos além de nossas necessidades e condicionamentos, para se viver na liberdade dos filhos de Deus. Trata-se, pois, de “*um ver interior e de uma visão espiritual do todo que preside ao conjunto da vida e do ministério, através da qual se aprende a agir com paciência e a medir as consequências das próprias ações, independentemente de algumas circunstâncias que tornam difícil um juízo limpo e sereno sobre as coisas*” (DVP, n. 43).

4. A Missão do formador de presbíteros

À luz do que acaba de ser exposto, já temos vários elementos que explicitam para nós a missão do formador, como a de auxiliar o seminarista a se conhecer e integrar seus dons e qualidade, fraquezas e debilidades na própria vida, a de crescer na generosidade e capacidade de servir sem reservas, a de configurar-se sempre mais a Cristo pastor, servo e dom; a de crescer na interioridade e na comunhão com os outros. No entanto, o DVP (n. 44-52) apresenta outros elementos que fazem parte da missão do formador.

4.1 A nível pessoal

Em vista das várias fases pelas quais passa o seminarista para alcançar um discernimento vocacional e tornar-se um discípulo missionário, faz parte da missão do formador:

- Relacionar-se de modo sincero, transparente e personalizado com os formandos.
- Que os colóquios com os seminaristas sejam frequentes, a fim de irem progressivamente se configurando a Cristo.
- Que o acompanhamento integre todos os aspectos da pessoa humana, como a educação à escuta, ao diálogo, ao verdadeiro significado da obediência e da liberdade interior.
- Estabelecer e fomentar a confiança recíproca entre formador e formando. Para promovê-la cumpre criar um sereno clima de confiança e de recíproca confiança, proximidade fraterna, empatia, compreensão,

capacidade de escuta e de partilha, e sobretudo de coerente testemunho de vida.

- a) Que o acompanhamento esteja presente desde o início do caminho formativo e desde o começo se revista de sério discernimento vocacional. Isso impedirá procrastinar o juízo sobre a identidade para o ministério sacerdotal e a condução do seminarista aos limiares da ordenação sem as condições necessárias.
- b) Guardar reserva da vida dos seminaristas e realizar um acompanhamento reto, equilibrado, respeitador da liberdade e da consciência pessoal que os ajude no seu crescimento humano e espiritual.
- c) Estar dotado de certas capacidades e recursos humanos, espirituais, pastorais e profissionais; além de uma formação específica e generosa dedicação a esta importante missão.
- d) Garantir uma presença de tempo integral e ser, antes de tudo, testemunha de como se ama e de como se serve ao Povo de Deus, consumindo-se pela Igreja sem reservas.

4.2 A nível comunitário

Considerando que a formação se realiza através de relações interpessoais, dos momentos de partilha e de confrontos que concorrem para o crescimento do húmus, onde amadurece a vocação presbiteral, segue-se que a vida comunitária é fundamental e iniludível na formação. Em vista disso, O Dom da Vocação Sacerdotal sugere:

- a) Que o formador incremente nos formandos uma forte experiência comunitária. Esta é fundamental para que, ao ser ordenado, o sacerdote se sinta unido aos demais em íntima fraternidade, e, na diocese a cujo serviço está consagrado, como parte de uma família, da qual o bispo é o pai.
- b) Como o presbítero é chamado na Igreja a ser homem da comunhão (PDV, n. 18), durante o período de formação, os elos entre formadores e formandos devem ser marcados pela paternidade e pela fraternidade. O que implica que a fraternidade não pode ser deixada ao acaso, às consequências favoráveis, mas deve ser construída através de um crescimento espiritual, que exige empenho constante para superar as diversas formas de individualismo.
- c) Para favorecer o clima de amizade e fraternidade, é importante o Seminário abrir-se ao acolhimento e à partilha com diversas realidades, como as famílias, as pessoas consagradas, os jovens, os estudantes e os pobres.

4.3. Alguns desafios

Para concluir estas páginas, lembro que a missão do formador de presbíteros é um desafio permanente, que envolve não apenas o trabalho direto na formação presbiteral e suas implicações, mas também as tendências presentes no mundo atual que influenciam tanto os formandos quanto os formadores.

O padre Vinicius, com a capacidade que lhe é própria, oferece-nos uma lista destes desafios. Aqui retomo alguns:

1. O reducionismo ideológico que nos conduz às ideias convenientes e aos interesses pessoais;
2. A nostalgia do passado, que impede uma abertura ao presente e às suas necessidades;
3. O desejo de novidades que pode conduzir à superficialidade e à perda dos fundamentos;
4. A tentação de baixar o nível, contentando-se com o mínimo;
5. O otimismo vazio que esconde a realidade, camufla omissões, alimenta o comodismo e dispensa esforços para iniciativas mais ousadas;
6. O intelectualismo que, perdido em abstrações, não aterriza na realidade e nem questiona as situações;
7. O pessimismo destrutivo que enfraquece a esperança, apaga a alegria e obstrui a criatividade;
8. O subjetivismo que, muitas vezes restrito a sentimentos e reações primárias, instala-se em apegos e não se abre a novos desafios;
9. O praxismo que subestima o discernimento, a reflexão e muitas vezes se degenera em vazio espiritual e ativismo sem propósito ou significado.

A missão do formador de presbíteros é um desafio permanente, que envolve não apenas o trabalho direto na formação presbiteral e suas implicações, mas também as tendências presentes no mundo atual que influenciam tanto os formandos quanto os formadores.

Conclusão

Eis, em linhas gerais e de acordo com o DVP, alguns traços da missão do formador de presbíteros. Não entramos em questões intelectuais e outras para não tornar o texto longo e por fugir do objetivo proposto. Esperamos, porém, a nós, que temos o carisma da formação do clero e somos padres, que tais elementos nos despertem para a formação de presbíteros e nos ajudem na nossa vivência pessoal. ■

Bibliografia

Congregação para o Clero – **O DOM DA VOCAÇÃO PRESBITERAL (DVP)**, Brasília, Edições CNBB, 2019.
São João Paulo II – **PASTORES DABO VOBIS (PDV)**, Brasília, Edições CNBB, 1992.
Teixeira, Vinicius A. – **A IDENTIDADE DA CM NO INÍCIO DE SEU QUINTO CENTENÁRIO**(texto avulso), p. 9-10.

Pe. Wander Ferreira, CM

O impacto da *Fratelli Tutti* na formação dos nossos missionários

Sobre como a encíclica do Papa Francisco nos convida à ousadia na formação, em tempos de efervescência do conservadorismo na Igreja



A encíclica *“Fratelli Tutti”*, do Papa Francisco, é um verdadeiro apelo profético para a sociedade mundial não perder de vista os valores que mais nos aproximam, em tempos em que inúmeros fatores provocam divisões: a sensibilidade, a fraternidade e o amor mútuo.

Segundo o Papa, vivemos num mundo altamente seletivo e excludente, onde *“as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e cuidar, especialmente se são pobres, deficientes e idosos”* (FT, 18). O que impera no mundo é uma mentalidade de mercado, em que explorar, descartar e até matar vidas humanas, em vista do lucro obsessivo, é um fato sem o mínimo de pudor ou escrúpulos. Como consequência disso, em muitas localidades, há rastros de guerras, de atentados, de conflitos raciais e religiosos que não só afrontam a dignidade humana, mas também são motivados por ideias homofóbicas e por políticas narcisistas.

Em muitas partes do mundo, o relacionamento e a convivência com o outro está totalmente ameaçado, pois uma cultura do medo e da desconfiança é disseminada na sociedade. Assim, *“reaparece a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas”* (FT, 27). É duro dizer que, em muitos casos, esses muros criam uma separação tão radical, que, dificilmente, será desfeita. Contra tal mentalidade, o Papa afirma que a busca do fechamento e do isolamento não é caminho para uma vida autêntica e, ao mesmo tempo, não nos faz voltar à esperança: é pura ilusão e falsa segurança. O que realmente nos traz esperança e nos humaniza é a proximidade e a cultura do encontro: *“porque uma coisa é sentir-se obrigado a viver junto, outra coisa é apreciar a riqueza e a beleza das sementes de vida em comum que devem ser procuradas e cultivadas em conjunto”* (FT, 31). Neste sentido, o Papa afirma que a pandemia que atualmente atinge praticamente o mundo inteiro nos permitiu reconhecer e valorizar muitas pessoas que, em suas lutas diárias, deram suas vidas para salvar muitas vidas. São vários os profissionais e os religiosos que *“compreenderam que ninguém se salva sozinho”* (FT, 54).

O ser humano, em seu processo de desenvolvimento, de realização e de plenitude, está num sincero encontro consigo mesmo e com os outros. Por outro lado, uma autêntica comunicação consigo mesmo só será possível a partir do momento em que houver comunicação com os outros. É muito positiva e saudável a relação mais ampla, que vai além da família e de pequenos grupos, pois, além de nos enriquecer culturalmente, permite que nos conheçamos melhor e nos projetemos. *“...o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro.”* *“A hospitalidade é uma maneira concreta de não se privar desse desafio e desse dom que é o encontro com a humanidade mais além do próprio grupo”* (FT, 88/90). Só poderemos acolher quem é diferente de nós a partir do momento em que nos sentirmos seguros e convictos das nossas raízes culturais. O amor, a terra natal e a cultura de origem são elementos fundamentais para um encontro sadio e fecundo. Esta ideia, o Papa fundamenta dizendo que: *“não me encontro com o outro se não possuo um substrato no qual estou firme e enraizado, pois é a partir dele que posso acolher o dom do outro e oferecer-lhe algo de autêntico”* (FT, 143).

Progredindo no objetivo fundamental da encíclica, o Papa aborda uma dimensão fundamental do ser humano, o diálogo. Segundo o pensamento do Sumo Pontífice a respeito do diálogo, *“não é necessário dizer para que serve; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades”* (FT, 198). A autenticidade do diálogo está, sobretudo, em se respeitar o ponto de vista do semelhante, possibilitando maior abertura e a inclusão de convicções e interesses legítimos. O diálogo permite que sejamos fiéis aos nossos princípios e, ao mesmo tempo, que também o outro se mantenha fiel aos seus propósitos. Nesse contexto, o exercício do diálogo exige muita maturidade. Que seja sempre sustentado e apoiado por boas intenções, defensoras de verdades básicas, que garantam uma boa convivência e o esforço de se colocar em prática a amabilidade, característica e responsável por uma verdadeira fraternidade.

Olhando para nossa formação missionária, à luz da



FRATELLI TUTTI



Fratelli Tutti, percebemos que a encíclica não só reforça e atualiza o nosso carisma, mas também nos convida ser ousados no serviço aos nossos “*Senhores e Mestres*”, os pobres. Eles são, como disse o Papa, descartados, por causa dos interesses comerciais e econômicos; concomitantemente, são o motivo da nossa existência. Nunca é demais revermos, contemplarmos e atualizarmos o fim ou o objetivo primeiro de nossa Congregação no mundo: “...seguir Jesus Cristo evangelizador dos pobres” (CC, 1). Portanto, devemos sentir-nos motivados e provocados a não perdermos de vista o que é fundamental e essencial em nosso ser missionário: servir aos pobres. Por mais que tenhamos habilidades para outras realidades importantes na Igreja, como a formação do clero, a formação dos leigos, a direção espiritual, entre outras, o que realmente nos define como missionários da CM é o serviço aos pobres. “*Ora, trabalhar na salvação dos pobres habitantes do campo é o principal de nossa vocação e tudo mais é apenas acessório*” (Coste XI, 137). No percurso da história da humanidade, os pobres sempre foram descartados, privados de pertencerem à história e de fazerem história. Foram taxados de lixo social, estorvo e de repugnantes.

São Vicente só conseguiu enxergar os pobres estando no meio deles. Enquanto esteve nos palácios, envolvido com os nobres, a iluminação carismática não lhe foi dada. Mas, convivendo com os pobres, em suas dores e em suas alegrias, não só recebeu do Senhor o Carisma da CM, mas também passou a transitar nos palácios e no meio dos nobres como servidor dos pobres. Aqui, muda-se todo o enfoque de interesses e de percepção da Igreja, na vida de São Vicente. Ele dirá: “*Mas não se encontra na Igreja de Deus Companhia alguma que tenha por partilha os pobres e se dê, totalmente, aos pobres, a ponto de não pregar nunca nas grandes cidades. É disso que fazem profissão os missionários. Têm isso de particular, ser, como Jesus Cristo, aplicados ao serviço dos pobres*” (Coste XII, 81-82).

No processo formativo, além de nos empenharmos em deixar bem claro aos nossos seminaristas o carisma da Congregação, estamos insistindo muito no cultivo das

relações interpessoais. No mundo de hoje, é inviável um missionário que, além de ter dificuldades de conviver com seus coirmãos, não consiga se aproximar dos pobres e interagir com eles. Pode-se dizer que passou o tempo todo da formação fechando-se em si mesmo e, não sendo confrontado, enveredou-se neste contra-valor e se tornou um problema. Uma coisa é ser tímido, outra coisa é ser fechado. Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco nos dá dicas muito importantes sobre essa cultura do encontro, da proximidade e do diálogo. Deste modo, não basta aos nossos seminaristas se sentirem bem em nossas casas e terem uma boa bagagem intelectual, se não abrirem a mente e o coração para uma sincera convivência e um salutar relacionamento com o semelhante. Seu ministério, certamente, estará comprometido. Este requisito da dimensão humana é fundamental; caso contrário, todas as outras dimensões da formação ficarão comprometidas. São Vicente, ao escrever a primeira regra da Congregação, expôs os atos de caridade em relação ao próximo que jamais poderemos perder de vista. São eles: “*1º) Fazer aos outros o que razoavelmente gostaríamos que eles nos fizessem; 2º) acatar suas opiniões e aprová-las diante do Senhor; 3º) antecipar-nos em demonstrações de cortesia e respeito; 4º) aceitar-nos mutuamente sem murmurar; 5º) alegrar-nos com os que se alegram; 6º) chorar com os que choram; 7º) mostrar-nos amáveis e atenciosos para com os outros; 8º) enfim, fazer-nos tudo para todos para ganhar todos para Cristo*” (RC II, 12).

Por fim, uma grande riqueza presente em nossas casas de formação, que não podemos perder de vista, são as raízes culturais. Cada seminarista que chega a nossas casas de formação traz uma bagagem cultural riquíssima que enobrecer e dinamiza muito a nossa realidade. Devemos fomentá-los e incentivá-los a terem orgulho e a não perderem jamais o que é específico de suas origens. Como dizem nossas diretrizes, nosso processo formativo é “*existencial e progressivo: leva em conta a história e a situação concreta das pessoas, respeita as diferentes idades, as etapas e a caminhada de cada um*” (PFPBCM, P. 10). ■

Ramon Aurélio

Com a colaboração de: Pe. Onésio Moreira, CM; Pe. Wander Ferreira, C.M; Pe. Denilson Matias, CM e Valmir Severino

Seminário São Justino de Jacobis

Desde 2004, o SSJJ tem acolhido os estudantes da etapa de teologia da PBCM, tornando-se um verdadeiro celeiro para a missão

“**P**ara perpetuar a memória!”- É com esta frase que o cronista do tempo iniciou o relatório de abertura do tão sonhado Teologado Vicentino São Justino de Jacobis, em 2004, no bairro Santa Cruz, em Belo Horizonte-MG.

“*Nosso seminário está crescendo sempre, pela misericórdia de Deus, em número e em virtude*” (SV II, 489) – Foi assim que São Vicente de Paulo dirigiu-se a Luís Lebreton, no dia 9 de outubro de 1640. Tal sentimento de nosso fundador perscrutava a vida de nossa Província, nos anos 2000, iluminando os formadores e o Conselho Provincial, tanto que o número de seminaristas e as acomodações de nossas casas de formação se tornaram pequenos e insuficientes em pouco tempo.

A preocupação em acolher o número crescente de estudantes levou à conclusão de que seria preciso adquirir ou construir uma nova casa, com uma infraestrutura ainda maior. Assim, no ano de 2002, diante do aumento do número de vocações, o visitador à época, Padre Eli Chaves dos Santos, CM, solicitou ao Padre Juarez Carlos Soares, CM, que iniciasse a procura por um lote, para tal finalidade, e escalou o Padre Joaquim Hipólito Pena para acompanhá-lo. De acordo com o cronista, depois de pesquisarem 12 lotes, Pe. Juarez e o Pe. Hipólito escolheram o lote no bairro Santa Cruz. Após consulta aos demais Coirmãos e ao Conselho, deu-se a compra no local onde seria construída a atual sede do Teologado Vicentino.

A proximidade da futura casa em relação ao Complexo do Instituto São Vicente de Paulo e da Casa Dom Viçoso foi o principal motivo para a escolha do local, bem como a proximidade ao Instituído Santo Tomás de Aquino-ISTA e à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia-FAJE. Pe. Juarez salientou que a intenção da Direção Provincial à época estava em aproximar as casas de formação a fim de gerar integração e entrosamento entre os seminaristas: “Visava-se maior conhecimento, amizade, espírito de irmandade e de pertença, pensando no futuro missionário, no trabalho em equipe e na formação de equipes com irmãos que se querem bem”.

A negociação, a compra e os encaminhamentos necessários, tais como escritura, registro, desenho, planta e

construção aconteceram em maio e junho de 2003. A Escritura foi assinada e registrada em 18 de junho de 2003 e a planta foi aprovada dois dias depois. A limpeza do lote, serviço topográfico e sondagem do solo iniciou-se no dia 20 de outubro de 2003. O início da fundação da casa que receberia o nome de Teologado Vicentino São Justino de Jacobis deu-se no mês seguinte, dia 1º de setembro de 2003.

Depois de quase um ano de obras, o Teologado Vicentino São Justino de Jacobis recebeu os seminaristas e os formadores da Província. Vale ressaltar que a localização geográfica do presente seminário se encontra na linha divisória entre as paróquias São Pio X, cujo pároco à época era o Pe. José Ramos, e a paróquia São Lucas, que tinha como pároco o Pe. Geraldo Magela. Ainda com o seminário em obras, deu-se início a mudança da primeira turma, da casa do Nazaré, nos dias 27 e 28 de agosto de 2004, para o novo teologado vicentino. A antiga etapa formativa da Teologia tinha como sede o bairro Nazaré, Rua Agenor Alves. A nova comunidade formada era composta pelos formadores: Padre Onésio Moreira Gonçalves e Pe. Valmir Severino Almada e os estudantes: Ir. Tadeu Oliveira, André Luiz, Emanuel Bedê, Raimundo João, Ronaldo Teixeira, Deoclides Magalhães, Éverton Donizete, Franster Antônio, Marcus Alexandre, Osmar Rufino e Pedro Dias.

A escolha do nome do seminário, que tem como padroeiro São Justino de Jacobis é uma referência ao antigo seminário menor de Campina Verde-MG. A inauguração oficial da casa aconteceu na missa do dia 8 de outubro de 2004, na nova sede do seminário. A missa foi presidida pelo Visitador Provincial e a bênção foi dada por Dom José Elias Chaves, Bispo Emérito da Prelazia de Cameté. Na ocasião celebrativa, durante a homília, o Pe. Eli Chaves dos Santos enumerou cinco fundamentos que a casa da missão formativa deveria ter: 1. Destinação aos pobres; 2. Fidelidade criativa; 3. A serviço da formação; 4. Comunhão com a Congregação da Missão no mundo todo; 5. Sintonia com a Igreja.

Na mesma celebração, o Visitador, de modo especial, pensava em dois projetos: um nacional que era a missão



Foto: Arquivo do Teologado Vicentino

Primeira Turma do SSJJ - 2004

Em pé: Raimundo, Emanuel, Franster, André, Marcus, Tadeu, Éverton e Pe. Onésio
Agachados: Deoclides, Ronaldo, Pe. Valmir, Osmar e Pedro



Foto: Leonardo Paredes

Turma atual do SSJJ - 2021

Primeira Filia: Pe. Denilson, Pe. Wander, Michel, Túlio, Ramon e Adriano
Segunda Filia: Allan, Leonardo, Cléber, Cristiano e Fábio

na Amazônia (hoje realizada na prelazia de Tefé-AM) e outro em nível internacional, com vistas à missão em Angola. Um fato curioso sobre este dia: pela parte da manhã houve Assembleia eletiva no Trevo. Elegeram-se o novo Conselho Provincial, tendo como Visitador o Pe. Agnaldo Aparecido de Paula e, pela primeira vez na Província, foram eleitos os membros para o Conselho de Economia da PBCM.

O Seminário São Justino de Jacobis, da Província Brasileira da Congregação da Missão, tal como se apresenta desde o início, destina-se à formação inicial dos estudantes vicentinos, na etapa da Teologia. A comunidade formativa, neste ano de 2021, conta com 11 moradores, dentre os quais dois são formadores, a saber: Pe. Wander Ferreira, CM, Superior da Comunidade e o Pe. Denilson Matias, CM, Animador Vocacional e Auxiliar da Formação. Os seminaristas são: Allan Ferreira, Adriano Almeida, Cleber Fábio, Cristiano Machado (Teólogo Prope-deuta), Fábio José, Leonardo Almeida, Michel Araújo, Ramon Aurélio e Túlio Medeiros. Em anos anteriores contamos também com a presença de seminaristas da vice-província de Moçambique.

A Comunidade atual é composta por membros admitidos e um não admitido. Busca-se organizar e se desenvolver, em linhas gerais, a proposta formativa para o “Seminário Maior”, tal como apresentada no Programa de Formação da Província Brasileira da Congregação da Missão. O Curso de Teologia tem a duração de quatro anos. O primeiro ano atende a estudantes que não cursaram a Filosofia. Trata-se de um preâmbulo, que introduz o estudante no mundo do pensamento e da reflexão filosófica; os três anos seguintes constituem o estudo da Teologia pela Faculdade Jesuíta –FAJE. Na PUC (Pontifícia Universidade Católica) estuda o seminarista Cristiano.

Atualmente a pastoral dos seminaristas, devido à pandemia de COVID-19, encontra-se limitada e restrita. Porém, mesmo diante da limitação causada pela pandemia a comunidade do Teologado Vicentino se inspira nas

palavras de São Vicente de Paulo quando afirma que “o amor é inventivo até o infinito” na realização do seu apostolado. Neste tempo, buscando atender às necessidades dos pobres frente à crise pandêmica, a comunidade, imbuída do espírito criativo de São Vicente de Paulo, criou o projeto “Compartilhando Esperança”. O projeto atende diversas famílias das paróquias onde atuam a comunidade, a saber: Paróquia Pai Misericordioso, no bairro Paulo VI, Contagem, na paróquia Nossa Senhora de Fátima e no Curato Divino Espírito Santo.

O objetivo do projeto é o de anunciar Jesus Cristo e a sua mensagem de Esperança, através das redes sociais, em tempos de pandemia, e a contribuição na diminuição do sofrimento dos pobres, com doações de alimentos, roupas e produtos de higiene pessoal, arrecadados por meio de campanhas, feitas pelo Teologado. Este projeto criativo tem contribuído para a formação dos nossos na participação afetiva-efetiva junto aos mais pobres. Que São Vicente continue a abençoar todos os colaboradores. Outro projeto desenvolvido por esta obra da província é o projeto Reciclagem Solidária.

Sendo uma comunidade hospitaleira, responsável, acolhedora e de oração, o teologado vicentino, como última etapa da formação inicial, acredita responder fielmente ao carisma, malgrado as debilidades próprias da etapa e dos que a compõem. Partimos do mesmo preceito em que se dirigia São Vicente numa carta ao Pe. Bernardo Godoian em 20 de março de 1643: “sou inteiramente a favor de vosso parecer, senhor Padre, que é preciso consagrar-nos decididamente aos seminários. Com isto as missões terão mais êxito”. A missão, tão cara ao coração de São Vicente é um dos pilares do Teologado Vicentino. Os seminaristas, no mês de janeiro, costumam dedicar-se à atuação nas Santas Missões Populares Vicentinas, bem como tem o hábito de dedicar o período de férias da faculdade, em julho, ao estágio missionário nas paróquias da Província. ■

Elaborado pelos seminaristas do Teologado Vicentino

Projeto Reciclagem Solidária

“O amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade (Papa Francisco, LS, 231)”

Em 2017, um pequeno grupo, incentivado pelas Filhas da Caridade, começou um movimento com três catadoras de material reciclável, cujo objetivo consistia em ajudá-las a trabalhar coletivamente. A iniciativa abriu caminhos para impulsionar a solidariedade com os pobres do bairro Paulo VI em Belo Horizonte, além de fomentar uma educação ambiental na região.

Em 2019, como gesto concreto proposto pela PBCM, em vista da comemoração dos 200 anos da chegada da Congregação da Missão no Brasil, nós, do Seminário São Justino de Jacobis, juntamente com o Seminário Interno São João Gabriel Perboyre, Filhas da Caridade e a Paróquia Pai Misericordioso, somamos forças para

ampliar e robustecer o Projeto Reciclagem Solidária que beneficia os referidos catadores e seus familiares.

Nossa participação tem sido da seguinte maneira: colaboração junto aos catadores na separação do material reciclável e na equipe que ajuda a pensar as pistas de ação para a execução do projeto, que visa, além da ajuda financeira aos mais pobres, o despertar da consciência ecológica na comunidade. Desse modo, embora de maneira singular, o projeto nos proporciona uma participação concreta no mundo dos pobres. No entanto, com o advento e expansão da pandemia, o projeto Reciclagem Solidária tem sido executado com algumas restrições (uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento entre as pessoas na sepa-

Uma grande quantidade de material reciclável é recolhida diariamente pelos participantes do projeto

Foto: Enviada por Cléber Teodósio



Foto: Enviada por Cléber Teodósio

Ir. Heloísa e colaboradores do projeto Reciclagem Solidária reúnem-se na paróquia do bairro Paulo VI, em Belo Horizonte

ração do material), uma vez que a pandemia parece estar longe do fim. Ainda estamos vivendo momentos de incerteza, medo e insegurança, contudo, isso torna-se mais um motivo para participarmos da realidade sofrida dos pobres que, mais uma vez, percebem-se esquecidos e desprezados pela sociedade.

Considerando a necessidade e a realidade, o projeto está caminhando a passos lentos, ainda há muito o que se fazer! Um dos objetivos do projeto é o trabalho com pessoas carentes, de modo que consigam garantir seu próprio sustento e, dentro dessa perspectiva, trabalhar o cuidado com a “Casa Comum”, pensando numa ecologia integral que busque responder às necessidades dos pobres e do meio ambiente.

Diante da realidade pandêmica não conseguimos atingir alguns objetivos do projeto, tais como: expansão dos pontos de coleta, aumento de colabores locais, participação ativa das comunidades etc. Mesmo assim, passos vem sendo dados: conseguimos um novo lugar de armazenamento do material para a reciclagem, mais amplo e apropriado - um galpão, de modo que está sendo possível armazenar mais material reciclável, sem preocupação com as chuvas.

Há um revezamento entre os seminaristas, para que todos tenham a oportunidade de participar da atividade de separação e venda do material reciclável. Vale destacar a união e a corresponsabilidade de cada participante direta e indiretamente no projeto, pessoas que expressaram suas preocupações com as famílias que dependem desse projeto para o seu sustento.

Acompanhando e avaliando o projeto, percebemos os avanços que o mesmo tem alcançado. A partir de registros da quantidade de material recolhido e vendido, bem como

do valor arrecadado, identificamos que no ano de 2020 foram coletadas mais de seis toneladas de material reciclável, dentre eles: garrafas pet, papel, jornal, alumínio, papelão e plásticos em geral. E os resultados econômicos, se comparados à primeira venda realizada em 09/09/2017, resultando em R\$ 15,00, para a venda em 28/02/2021, que gerou R\$ 1.000,00, percebemos um crescimento extraordinário. Antes o projeto contava com três catadores diretos. Atualmente são cinco, porém, indiretamente, há uma multidão de pessoas envolvidas e beneficiadas pelo mesmo, seja pela solidariedade, doação dos materiais, educação ambiental ou pela consciência ecológica que as atividades do projeto realizam nas pessoas.

Ir. Heloísa Novaes, Filha da Caridade, e Emerson de Paula, Líder Comunitário, que coordenam o projeto, versam sobre os benefícios do mesmo, na área da Paróquia: *“Hoje, percebemos o quanto foi importante a perseverança, diante dos desafios que tínhamos à frente, quando idealizamos desenvolver esse trabalho na Paróquia Pai Misericordioso e como trilhar os caminhos rumo aos objetivos. O envolvimento dos paroquianos com o Projeto Reciclagem Solidária tem levado o mesmo a tomar as proporções almejadas, transpondo as fronteiras geográficas da paróquia, conseguindo a colaboração de pessoas jurídicas e a significativa colaboração dos leigos e leigas que, numa mudança de comportamento em relação ao que era considerado lixo, perceberam que é possível um melhor cuidado com a Casa Comum, uma maior atenção ao próximo (refiro-me aos agentes ambientais/Catadores (as)) e na contribuição para a geração de renda. A participação de diversas pessoas reflete na quantidade de material que movimentamos. Quando comparamos, nos surpreendemos. Embora existam muitos desafios, acreditamos no sucesso desse projeto no território paroquial”.* ■



Fotos: Cleber Teodósio



Cléber Teodósio

A imunização chega à casa Dom Viçoso

Nossos coirmãos idosos, de Belo Horizonte, receberam a vacina em fevereiro de 2021

A pandemia causada pelo novo Coronavírus levou a Covid-19 a muitas pessoas. O SARS-CoV-2 foi identificado pela primeira vez em seres humanos em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Pensa-se que o SARS-CoV-2 seja de origem animal. O surto inicial deu origem a uma pandemia global que à data de 14 de março de 2021 tinha resultado em 119.622.869 casos confirmados e 2.649.986 mortes em todo o mundo. Muitos de nossos familiares, ou até nós mesmos, fomos vítimas desta enfermidade, ainda mais nos últimos dias, quando variantes do vírus, ou mutações, ocorreram em locais como Reino Unido, Japão, África do Sul e Brasil, tornando a doença ainda mais contagiosa.

A Família Vicentina não foi poupada, inclusive nove dos residentes na Casa Dom Viçoso se contaminaram, e um deles, o Ir. Lázaro Dias, veio a óbito por complica-

ções da Covid-19. Os demais, Pe Getúlio Grossi, CM, Pe. Célio Dell'Amore, CM, Pe. Paulo Faria, CM, Pe. Sebastião Carvalho, CM, Pe. Lauro Palu, CM, Pe. Sebastião Mendes, CM e Pe. Efigênio Costa, CM, com a graça de Deus e os cuidados médicos, já estão curados. Vale ressaltar que os Padres Humberto Venuto, CM e Pe. Calixto Ardisson, CM; os Irmãos: Edmar Teixeira, CM e Miguel Generoso, CM, e o senhor Vicente, também residentes na Casa Dom Viçoso, até o momento não se enfermaram de Covid-19.

O poder letal desta pandemia é desastroso, de modo que medidas preventivas como lavar as mãos com água e sabão ou higienizá-las com álcool em gel, uso constante de máscaras e distanciamento social não são o bastante para fazer conter ou controlar o vírus. Cientistas afirmam que somente a aplicação em larga escala da vacina poderá at-



Da esquerda para a direita: Pe. Venuto, Pe. Onésio, Pe. Getúlio e Pe. Lauro

nuar, ou pôr um fim, ainda que a médio ou a longo prazo, nesta doença. Muitos são os laboratórios, em todo o mundo, que trabalham na produção de vacinas contra este coronavírus. A primeira vacina, produzida na China e aprovada para uso no Brasil, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), foi a Coronavac, em 17/01/2021, seguida pela inglesa, AstraZeneca/Oxford, em 23/02/2021.

O Brasil, como os demais países do mundo (diferentemente da Indonésia, que decidiu começar vacinando os jovens), colocou como prioridade para a vacinação seus profissionais de saúde e a população idosa. Os idosos da Casa Dom Viçoso, portanto, já foram contemplados com doses da vacina: Pe. Sebastião Mendes, CM e Pe. Efigênio, CM, tomaram a primeira dose da vacina contra o Coronavírus, a Coronavac, no dia 16/02/2021, e a segunda, dia 09/03/2021. Já os padres, Getúlio, Célio, Paulo, Venuto, Sebastião Carvalho, Lauro e Calixto, e os Irmãos Edmar e Miguel tomaram a primeira dose da vacina AstraZeneca/Oxford em 18/02/2021. A segunda dose está agendada para o dia 19/05/2021.

No dia da vacinação, os coirmãos da Casa Dom Viçoso receberam com alegria a Equipe de Saúde que foi até à residência aplicar o imunizante. Apesar das polêmicas em torno da vacina e do leve desconforto que a agulha pode causar, o desejo de sentir-se imune e preservar a vida foi maior. Não faltaram também reações de contentamento e bem humoradas no momento da aplicação: Pe. Venuto brincou que chorava ao receber a vacina, Pe. Calixto fez um jôinha dizendo que a vacina já não iria fugir dele, o Ir. Miguel perguntou cheio de graça “Só isso?”. Ao ser vacinado Pe. Sebastião Carvalho, superior da Casa Dom Viçoso, esteve de pé e concentrado para receber a dose. Em seguida, agradeceu a enfermeira pela aplicação, em domicílio, do imunizante.

Sobre efeitos colaterais da vacina, ninguém apresentou queixa, pelo contrário, estão felizes por terem sido contemplados. Oxalá mais vacinas sejam produzidas e os responsáveis pelo programa nacional de vacinação não meçam esforços para garantir a imunização de todos os brasileiros, em especial, os mais pobres. ■

Sacha Leite

Conversa com Ada Ferreira

Embaixadora da FamVin Homeless Alliance no Brasil fala sobre o projeto 13 Casas

A Campanha 13 Casas, lançada pela Aliança da Família Vicentina Internacional com as pessoas sem-teto (*FamVin Homeless Alliance*) no ano de 2018, surgiu inspirada na vida de Vicente de Paulo, suas ações e seu compromisso e na compreensão de que o me-

lhor do ser humano se apresenta no momento em que colabora. Para compreendermos como funciona a Campanha 13 Casas e como está o andamento o desenrolar dessa iniciativa global, convidamos a embaixadora do projeto no Brasil, a psicóloga Ada Ferreira.



Foto: Printscreen de vídeo do Youtube

ISV: Qual é a realidade dos sem-teto no Brasil hoje e qual é o principal objetivo com a implantação do projeto Treze Casas no país?

Ada: Sabemos que a realidade é bastante triste e precisa de fato de um olhar e cuidado. Muitas pessoas estão nas ruas ou vivem em condições desfavoráveis. O objetivo da Campanha "13 Casas" é ampliar o olhar para a realidade e buscar formas de colaborar para que mais pessoas tenham uma condição digna de moradia. Precisamos como FV acordar e trabalhar em conjunto. Temos muita força, estamos presentes em grande parte do país. Sabemos que a mudança pode acontecer com a efetiva colaboração.

ISV: Quantas pessoas, aproximadamente, se envolvem no processo, contando com voluntários da SSVP e demais ramos da Família Vicentina?

Ada: Não temos este número contabilizado. Sabemos que várias ações foram desenvolvidas e estão em desenvolvimento.

ISV: O projeto 13 Casas possui uma metodologia específica? Caso afirmativo, poderia defini-la, explicitando as etapas contidas na construção ou doação das casas?

Ada: Cada projeto da Campanha 13 Casas se adapta à realidade dos sem-teto que pretende apoiar, por isso o seu funcionamento varia. Nem todos os projetos envolvem a construção de casas. Existem projetos que procuram dar melhores oportunidades às crianças que vivem nas ruas no Gana ou melhorar a reintegração social como na Eslovênia. O fundamental é que os diferentes ramos vicentinos colaborem e tenham uma abordagem de mudança sistêmica.



CASAS

ISV: *As moradias são construídas especialmente para os destinatários do projeto ou também são doadas casas pré-existentes?*

Ada: Depende da forma como desenham o projeto e das reais necessidades em nível local, que são diferentes de um país para outro e de uma cidade para outra. Em alguns países, novas casas foram construídas. Em outros, ramos como as Filhas da Caridade doaram casas que não usam mais ou disponibilizaram suas instalações para a Campanha para abrigar temporariamente pessoas em seu caminho para a autonomia.

ISV: *A contratação de mão de obra para as construções do projeto 13 Casas tem critérios específicos?*

Ada: A contratação de mão de obra também é adaptada à realidade local. Em alguns casos, é parte da contribuição dos beneficiários do projeto. Em relação aos critérios de construção, pretende-se utilizar materiais locais e ecológicos adaptados ao clima local.

ISV: *Como é a procura pela iniciativa? O sem teto deve contactar os confrades e consócias da SSVP e solicitar o auxílio, ou pode acontecer o processo inverso?*

Ada: Depende de cada projeto, mas na maioria dos casos, quando os ramos entram na Campanha com um projeto, já têm em mente a população que querem atender, seja ela quem mora na rua, que precisa de uma casa melhor, refugiados ou outros grupos.

ISV: *Como funciona a ordem de entrega de casas? Há grupos que obtêm prioridade? Ser católico e ser vicentino são requisitos formais para se obter o benefício?*

Ada: Os vicentinos estão sempre atentos às necessidades espirituais das pessoas atendidas e, em muitos casos, os beneficiários pedem acompanhamento espiritual ou catequese para receber os sacramentos. No entanto, sendo fiéis ao nosso espírito de “acolher o estrangeiro”, temos por regra não discriminar na seleção dos beneficiários dos projectos da Campanha “13 Casas”. Por exemplo, no trabalho de reconstrução no Líbano após as explosões de Beirute, em agosto passado, os vicentinos apoiaram todas

as comunidades, independentemente de serem vicentinos ou não, cristãos ou não.

ISV: *O projeto inclui auxílio jurídico para legalização da propriedade, em nome do beneficiado?*

Ada: Como mencionamos anteriormente, isso depende do projeto que as diferentes filiais elaboram em colaboração. Normalmente, esse aspecto já é corrigido antes de iniciar um projeto de 13 Casas, uma vez que a FHA sempre garante que haja segurança jurídica no imóvel, para evitar qualquer risco de despejo dos beneficiários.

ISV: *No Brasil, quantas residências foram construídas no bojo do projeto 13 Casas até hoje?*

Ada: Contabilizada como casas pertencentes ao projeto “13 Casas” não temos nenhuma oficialmente. O que aconteceu após a divulgação da Campanha “13 casas” foi a reforma ou construção de casas para famílias assistidas, mas não entraram oficialmente na Campanha. Acompanhei a movimentação em várias partes do país. O projeto que recebeu o selo das “13 Casas” foi um *trailer* para banho entregue à população de rua em Juiz de Fora. Esta é uma iniciativa de uma unidade vicentina do Conselho Metropolitano de Juiz de Fora que conta com o apoio e doações da sociedade e de outras instituições. No Paraná também em 2019 foi divulgado que a Campanha “13 Casas” estava caminhando com o apoio de alguns ramos da FV, mas não recebi nenhuma notícia.

ISV: *Há algum pensamento de São Vicente de Paulo que os inspire na realização desta missão?*

Ada: “Quando você deixa a oração e a Santa Missa para o serviço dos pobres, você não perderá nada, já que servir aos pobres é ir a Deus, e você tem que ver Deus nas pessoas.”

Não pare de seguir em frente, com a ajuda de Deus, em seu cargo e em suas ocupações, já que a obra de Nosso Senhor não é realizada tanto pela multidão de trabalhadores como pela fidelidade do pequeno grupo ao qual você foi chamado. ■

Pe. Denílson Matias, CM

Comunhão e alegria, um convite vocacional

Como a abertura à comunhão ajuda a Igreja no processo de vocacionalizar-se em todos os seus espaços e obras

A Província Brasileira da Congregação da Missão, no seu intuito de melhorar o Serviço de Animação Vocacional, tem sido representada no curso de extensão da Escola Vocacional, que é uma parceria do Instituto de Pastoral Vocacional com a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). O curso, conhecido como Escola de Preparação para Animadores e Animadoras Vocacionais (ESPAV) é iluminado pelos últimos Sínodos dos Bispos, com temas relacionados às juventudes, ecologia, família e, conta também com as conclusões do 4º Congresso Vocacional do Brasil, realizado em 2019. Participam deste curso os seguintes membros da PBCM: seminarista Allan Júnio, Diácono Adalberto Costa, Pe. Alexandre Nahass Franco, Pe. Denílson Matias e seminarista Ramon Aurélio.

Logo na primeira sessão do curso, os mais de duzentos animadores e animadoras vocacionais foram convidados a obter uma maior abertura aos sinais dos tempos e uma maior atenção ao agir de Deus na história. Parte-se do conceito de sinodalidade para que se delineiem caminhos propícios para uma ação eficaz da Igreja, incidindo com mais veemência o seu ser e o seu fazer apostólico no mundo de hoje. Esta ideia destaca dois conceitos-chave para ações evangelizadoras mais consistentes, como meios impulsionadores da pastoral vocacional: comunhão e sinodalidade. Estes conceitos, muito bem demarcados no Concílio Vaticano II, nos levam a entender que precisamos dar voz a uma eclesiologia do povo de Deus, a partir da comum dignidade e da missão de todos os batizados, no exercício da multiforme e ordenada riqueza dos carismas dados à Igreja, tendo como eixos: 1) o conceito de comunhão que exprime a substância profunda do mistério e da missão da Igreja, tendo como cume e fonte a eucaristia e 2) a si-

nodalidade que indica o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja povo de Deus, que se manifesta e se realiza no caminhar juntos, no reunir-se no constitutivo da alegria do anúncio do Reino.

Num mundo onde o desespero divide em função dos desencontros, neste momento histórico causado pela pandemia, somos exortados à comunhão e à partilha da vida e dos bens. Uma Igreja aberta à comunhão é capaz de vocacionalizar bem. O espírito de divisão atenua as nossas forças de contágio, em vista do alcançar os corações das juventudes. Ao pensarmos um mundo dividido, polarizado nas suas mais diversas dimensões e, nesta conjuntura, uma Igreja que não caminha no mesmo sentido, poderemos pensar numa possível ruína dos nossos processos de animação vocacional. Onde abunda a divisão não se pode contemplar o espírito do Senhor que chama. Portanto, o atual momento nos convida a uma autocrítica, desde os aspectos mais profundos da nossa vida comunitária até aquilo que queremos apresentar, como possibilidade de opção vocacional. O sentido de comunhão entre nós é real ou não passa de uma propaganda enganosa?

Mostrar o rosto de uma Igreja que caminha em conjunto e que canta a vida em uníssono é expressar as motivações de Jesus, que sempre propôs um caminho de ajuda mútua, de fraternidade, de partilha e de entrega. A força deste testemunho tende a atrair. Porém, uma vez constatado o contratestemunho de comunidades divididas, de coirmãos que se degladiam pelo status e pelo poder, isto quebrará qualquer possibilidade da chegada e da permanência dos jovens que desejam um lugar, com o mínimo de estabilidade, para viverem a sua vocação.

A antropologia vocacional nos fala hoje em cha-



mamento e não em chamado. Nesta perspectiva, o chamado é algo estático, enquanto pergunta e resposta. O chamamento é algo perene, contínuo e inclui movimento. Ele se dá a cada minuto da vida, numa constância motivadora, que impulsiona quem é chamado. Este chamamento se dá na direção de uma vida que se constrói na alegria do serviço. Alegria para uma vida de comunhão vocacionalizadora. Precisamos compreender o sentido da alegria em nosso meio. A alegria dá cor e vida à caminhada vocacional. O pontificado de Francisco, que tanto tem abordado a cultura vocacional tem sido um pontificado marcado pela alegria. É o testemunho do pastor alegre que não se cansa de se entregar.

O chamamento nos conduz à alegria em oposição à tristeza. Ao imaginarmos um mosaico, veremos que ele é composto por várias partes, por várias cores. Assim deve ser a vida do vocacionado, a vida dos consagrados. Neste mosaico, deveremos ter mais pedaços de alegria do que de tristeza. Uma vocação que se vive de modo triste, na sua maior parte, não pode ser verdadeira. Quem vive uma vocação em absoluta tristeza não está no lugar certo. Uma comunidade triste não é um

bom lugar para o crescimento de um vocacionado. Logicamente, temos os nossos momentos de tristeza e, até mesmo, de tristeza profunda; mas, trata-se de lugar de trânsito e não de permanência. A comunhão, a partilha da vida e a reunião, constituem o lugar de uma vida alegre para a missão ou, pelo menos, deveria sê-lo. O convite que nos fica é contagiar a partir da alegria do serviço, da inter-relação saudável entre iguais, entre irmãos mais velhos e mais novos, entre pessoas que “se querem bem”.

Não vale a pena encher casas que adoecem os chamados. Estruturas que não são marcadas pela comunhão da vida, pelo diálogo e pelo sentido de mútua compreensão são, realmente, traumatizantes. Promover uma vida e um apostolado de comunhão, vividos a partir da alegria do serviço, é promover consagrados saudáveis para o Reino. Estruturas mais leves e mais dialógicas, com o objetivo de compreender o outro, podem ser mais frutíferas do que aquelas onde impera um surdo monarquismo. Queremos formar discípulos e missionários saudáveis e não súditos doentes ou sem autonomia. ■

Irmã Luzdari Gimenez Serna, FC

Com a colaboração do Pe. Luiz de Oliveira Campos, CM

Santa Catarina de Labouré e seu projeto de santidade

“Nestes 200 anos da Província e da Congregação no Brasil e nestes 190 anos das aparições de Nossa Senhora a Santa Catarina Labouré, revelando-lhe a Medalha Milagrosa, vale a pena lembrar, através de pequena reflexão, qual foi o projeto de Santidade desta vidente de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa”

... Cada santo chega à santidade por caminhos diferentes. Existem aqueles que, “na sua folha de vida” ostentam façanhas grandes e brilhantes. Em compensação, outros, despercebidos e ocultos nos manifestam que se pode ser grande e santo na rotina do cotidiano.

Tal é o caso de Catarina Labouré, camponesa simples de Fain Les Moutiers, aldeia da França, na Região da Borgonha. Naquela época, uns 200 habitantes.

Tinha apenas 09 anos, quando perdeu sua mãe, Magdalena Gontard. A família era numerosa: 10 irmãos, dos quais ela Catarina era a oitava.

Aos 12 anos, sob a direção de seu pai, Pedro Labouré, abraçou com a responsabilidade de uma pessoa adulta, os afazeres e as obrigações da granja que possuíam, pois faziam parte das famílias abastadas da aldeia.

Uma atitude especial começava a marcar seus caminhos de predileção: o fato de abraçar com segura confiança a imagenzinha da Virgem que ela acolhia com as preces, de manhã e à tarde, no quarto de sua saudosa mãe. E ao abraçá-la, confiar-se a Ela com toda a sua ternura de criança.

Começa, pois a desenhar-se a “alma mariana” de Catarina, que, mais tarde, entre as Filhas da Caridade que têm Maria como única Mãe de sua Companhia, receberá mostras extraordinárias de sua especial escolha por parte da celestial Senhora.

Catarina ingressou nas Filhas da Caridade em abril de 1830. Havia nascido em maio de 1806.

Caberia aqui ocupar-nos destes 15 anos durante os quais se encarregou com maternal esmero dos cuidados da família e da granja: fadiga diária que soube suportar sem a queixa diária de quem carrega pesadas responsabilidades. Ir e vir de casa à Igreja e da Igreja à casa, para compartilhar com a vizinhança a celebração da missa dominical. Jejuns secretos que acabam descobertos pelo pai e por sua irmã Tonina, 02 anos menor do que ela.

Momentos de luta e de cansaço ante a frágil saúde de seu irmão Augusto, seu irmão mais novo enfermo por acidente.

Tudo isto e muito mais, vivido no plano da fé, soube amadurecer muito cedo e, sob o materno olhar de Maria, a quem Catarina confiara todo o seu ser e fazer.

Dissemos que se fez Filha da Caridade em 1830, exatamente a 21 de abril, chega ao Seminário. Aguarda-a um período duro de formação e acha-se preparada para tal.

Nada é difícil, quando se tem disposto e pronto o coração.

Na Casa Mãe ao trocar seu traje de camponesa pelo hábito das Irmãs do Seminário, redobra seu fervor e seu itinerário de santidade, passa a ser nova empreitada.

Nova, porque descobre que chega a uma Comunidade, golpeada pela Revolução que acabara de passar. Por isso, se lutava por uma feliz restauração. Catarina descobre muitas falhas, mas olha tudo como novo e não se detém entre as fraquezas. Deus e a oração ocupam o seu coração.

Catarina faz parte deste punhado de “videntes simples e humildes”, que no século XIX receberam a missão de transmitir ao mundo a mensagem de Nossa Senhora.

Sua história é especial, mas não sua santidade que é capaz de não fazer ruído e fazer silêncio, na monotonia do anônimo. Irmã Catarina se torna “Santa do Silêncio” e porque manifestou esta santidade, recebeu a visita da celestial Senhora e não, ao contrário, se tornou santa, porque viu Nossa Senhora.

1830: Ano escolhido por Maria para dizer ao mundo que ela é “Maria concebida sem pecado”, através da Medalha: simples catecismo onde Maria traça todo um plano de evangelização para a humanidade. Simples como simples foi a escolhida para transmitir ao mundo essa mensagem.

Assim... tendo por moldura a Medalha cria-se um familiar clima de diálogo entre a visão e a vidente: “Estive ali (prostrada com minhas mãos sob seus joelhos) não sei por quanto tempo. Assim se passaram os momentos mais suaves da minha vida. Para mim seria impossível dizer o que senti. Ela me disse como deveria portar-me com meu Diretor Espiritual e algumas outras coisas que não devo dizer, a forma de meu proceder nas minhas dificuldades...”

Maria disse a Catarina: “Minha filha, Deus quer encargar-te de uma missão: Terás muitas dificuldades, mas as superarás todas, pensando no que fazes para a glória de Deus. Conhecerás quem é Deus. Tu Catarina te sentirás atormentada até que o tenhas dito àquele que está encarregado de dirigir-te. Serás contrariada por muitos, mas receberás a graça necessária. Faze tudo com confiança e simplicidade. Tem confiança. Não temas. Verás algumas coisas. Dá conta delas, do que verás e do que escutarás. Serás inspirada na oração. Sê fiel a ela.”

E todas estas promessas vêm acompanhadas também de um anúncio de desventuras. “Os tempos serão maus. Desgraças cairão sobre a França. O trono será derrubado. O mundo inteiro experimentará a desgraça. Mas vem ao pé deste altar. Aqui se derramarão graças sobre todas as pessoas que as pedirem com confiança e fervor, grandes e pequenos... Minha filha, comprazo-me em derramar graças sobre a Comunidade em particular. Eu a amo afortunadamente.”

E as mensagens prosseguem... Todas vão conquistando o coração de Catarina. Ela se sente a portadora responsável de todas essas mensagens e começa aqui o “seu envio”, outra etapa de luta em seu caminho: não lhe dão crédito, não aceitam suas razões. Uma Irmã tão simples e de pouca instrução, ocupada nos ofícios mais humildes: o galinheiro, a horta, os velinhos e a portaria. Fazem pouco caso de suas ilusões.

E pouco a pouco, a alma de Catarina ia copiando a alma de Maria. Sabia certamente que, indo a ela com confiança se encontrava simplesmente com Deus. Assim nos revelam suas “resoluções do Retiro”:

“Tomarei a Maria como modelo no princípio de minhas ações todas. Em tudo refletirei as ações de Maria, como Maria fez e porque a fez. Oh! Que consolador é o nome de Maria!”

Catarina soube oferecer-se a Deus com todo seu ser. Sua vida se encaminhava numa permanente busca da santidade. Deus e Maria eram sua razão de ser sempre.

Assim nos revela outro texto: “Tomo a resolução de oferecer-me a Deus sem reserva, de aceitar todas as pequenas contrariedades em espírito de humildade e penitência. De pedir em minhas orações que se cumpra a vontade de Deus em mim. Oh! Maria, concede-me teu amor. Concede-me todas as graças que me sejam necessárias. Oh! Coração Imaculado de Maria, dá-me a fé e o amor que te uniram à Cruz de Jesus Cristo”.

Catarina soube explorar a mina preciosa do sofrimento e da incompreensão. Compreendeu muito bem que queixar-se é perder méritos e que o amor suporta

tudo. Assim Catarina se expressa: “Oh! Suaves objetos de meu amor, Jesus e Maria. Que eu sofra por vós, que eu morra por vós, que eu seja toda vossa e que eu não viva para mim mesma”.

Seu amor pelos pobres a tornava complacente e sua generosidade com eles chegava ao heroísmo. Com os idosos ela se mostra firme e imparcial. É amável para com todos, inclusive com os mais desagradáveis, como se a estes devesse atencões especiais. Todos eram para ela os membros sofredores de Jesus Cristo. Qual o segredo de tal comportamento?

“Tomo a resolução de não queixar-me em meio às pequenas contrariedades, que eu possa ter com os pobres e de rezar por aqueles que me fazem sofrer. Oh! Maria dá-me esta graça por tua pureza virginal”.

Catarina soube distribuir seu tempo e emprega-lo plenamente no serviço. Trabalho penoso na horta de Reuyl, cuidando das vacas, das galinhas, dos idosos, os pobres. Não esquecia a oração e a convivência fraterna na comunidade.

“Tomo a resolução de empregar bem meu tempo e não perdê-lo com coisas desnecessárias. Oh! Maria, felizes os que te servem e colocam em ti sua confiança. Oh! Maria... Maria... roga por todos nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Maria! Oh! Maria!”

Catarina soube viver em plenitude o espírito das Filhas da Caridade: “A humildade, a simplicidade e a caridade são o fundamento da nossa santa Vocação. Oh! Maria, faze-me compreender estas santas virtudes. São Vicente roga por nós. Oh! Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorreremos a vós”.

Que estas linhas escritas para tratar de um simples comentário sobre o projeto pessoal de santidade de Catarina ajudem a nossa reflexão nesses momentos em que a história que vivemos exige esforços sinceros, mas intensos para responder-nos, como Catarina ao serviço da Igreja dos pobres, que reclama a nossa resposta de autenticidade.

Trata-se de tornar grandes os pequenos atos que realizamos no cotidiano de nossas vidas.

Que Santa Catarina Labouré nos obtenha da Virgem Nossa Senhora e Nossa Mãe, continuar transmitindo sua mensagem de amor à humanidade através da Medalha e de nossa própria vida.

Lembremo-nos do que afirmou Pio XII na homilia de Canonização de Santa Catarina: “Ela está sendo Canonizada, não por que viu Nossa Senhora, mas porque levou uma vida de serviço simples e humilde aos pobres, como Filha da Caridade”. ■

Da Redação

Ir. Carolina Mureb, FC

Irmã Carolina Mureb, FC, reivindica a legitimação das mulheres como vozes ativas e tomadoras de decisão

No mês de março foi comemorado o Dia Internacional da Mulher. Nesse contexto, convidamos a Irmã Carolina Mureb, FC, para partilhar conosco seu testemunho, contando um pouco sobre a maneira que vê o protagonismo feminino no espaço interreligioso, desde os tempos de São Vicente e Santa Luísa de Marillac, cofundadores da Companhia Filhas da Caridade, até os dias de hoje. A entrevista foi realizada por e-mail e a primeira resposta de Ir. Carolina já circulou nas redes sociais da página Lazaristas Brasil no dia 8 de março, em que comemora-se mundialmente o Dia da Mulher, desde o ano de 1975, quando a data passou a fazer parte do calendário oficial da Organização das Nações Unidas.

ISV: *Da época de Vicente de Paulo e Luísa de Marillac para cá, você vê progressos, no que se refere às conquistas do espaço expressivo das mulheres?*

Ir. Carolina Mureb: Vejo progressos, mas não sei se tão expressivos. No tempo dos fundadores, a mulher consagrada ficava restrita ao claustro, tanto que a fundação das Filhas da Caridade foi algo arriscado, uma vez que qualquer desvio na compreensão de sua identidade as levaria para dentro dos conventos, impedindo-as de servir os pobres em suas casas e reunir as meninas para ensiná-las a ler. Vicente de Paulo acreditou na contribuição da mulher e em sua liderança, estimulando seu protagonismo; entretanto, em sua época, como agora, a mulher permanece num patamar diferente do homem, tanto na sociedade, quanto na Igreja. Para que o progresso seja expressivo, ele precisa transformar estruturas e isso não aconteceu nem no tempo dos fundadores e nem agora, ainda.

ISV: *Em que mais precisamos avançar?*

Ir. Carolina Mureb: Em muitas coisas. Primeiro, é preciso reconhecer o que parece óbvio: a mulher é igual em dignidade e direitos ao homem. É um direito da mulher é ser diferente do homem no modo de interpretar a realidade, de desenvolver processos, criar alternativas, compreender o mistério de Deus, sem que essa diferença seja aceita de maneira “condescendente” e relegada a um plano inferior de consistência intelectual. A partir daí, podemos avançar em tantas outras coisas: participação ativa nas deliberações e tomada de decisões; deixar de ser a exceção, “a surpresa”, a minoria em alguns grupos e instâncias; ter voz e decisão em assuntos que nos dizem respeito sem que homens digam o

que podemos ou não, devemos ou não fazer; sermos vistas como companheiras de caminhada e não “plateia”, como alguém que precisa de “tutela”.

ISV: *Como percebe as questões de gênero hoje, no mundo e no Brasil?*

Ir. Carolina Mureb: Distorcidas pelas polarizações políticas e religiosas e, assim, perdendo energia e foco no essencial. O estereótipo criado em torno do termo “feminista”, como alguém radical e que busca uma espécie de “ditadura da mulher”, prejudica muito a discussão saudável e construtiva. É como se qualquer mulher que fale sobre questão de gênero e do lugar da mulher fosse “amarga, radical, agressiva, sem feminilidade”. E se ampliarmos as questões de gênero, imediatamente aparece alguém para falar de “ideologia de gênero” numa tentativa de abafar qualquer conversa relevante sobre a grave realidade de feminicídios, estupros, homofobias etc. É verdade que entre alguns grupos de mulheres, a postura agressiva e até desrespeitosa com imagens e papéis do feminino, históricos e relevantes até hoje, contribuem para acirrar os ânimos e dificultar o diálogo. Parece-me que falta humildade e capacidade de enxergar a realidade na perspectiva do outro, mesmo que você discorde da interpretação feita. ■



Credo Vicentino

Cremos em m Deus que é Amor infinito e por ser assim, participa ativa e constantemente na história da humanidade. Partilha generosamente com todos, nos seus bens até Dar-se a si mesmo em seu Próprio Filho.

Cremos que Por Amor a nós se Fez homem, para ensinar-nos a amar de verdade, para dar-nos exemplo de amor mútuo e para redimir-nos, à custa de sua morte, como prova de seu Amor.

Cremos que Jesus Cristo Ressuscitado segue Vivendo e atuando conosco, especialmente na Eucaristia, sacramento que instituiu como perpétuo testemunho e exemplo permanente de um Amor que se sacrifica e se Entrega Sem Reserva.

Cremos que Jesus Cristo está realmente presente também em Nosso Próximo, especialmente no mais Pobre e Desvalido.

Cremos que seu Espírito de Amor quer valer-se de nós para ajudá-lo:

- de nossa Mente para conhecê-lo,
- de nossos Corações para amá-lo,
- de nossos Pés para visitá-lo,
- de nossas Mãos para servi-lo.

Cremos: que se Deus nos têm dado muito, muito exigirá de nós. Cremos que nos pede. Participemos de verdade, da promoção integral de nossos irmãos oprimidos.

Que os façamos participantes de nossos bens espirituais e materiais.

Cremos: na eficácia do Amor, para resolver os problemas sociais.

Cremos: no poder do Sorriso, da Ternura e do Trabalho em prol dos necessitados.

Cremos: na capacidade e no Direito que têm os pobres de participar de sua própria Promoção.

Cremos: em sua Dignidade de pessoas humanas e em sua qualidade de Filhos de Deus.

Cremos: que a União faz a Força, por conseguinte cremos na força que temos os Vicentinos Unidos, para contribuir na construção de um Mundo Novo, onde reinam A JUSTIÇA, O AMOR E A PAZ.

Padre Luiz de Oliveira Campos CM

Sacha Leite

Ir. Afonso, vocacionado para a fraternidade

Recém-homenageado pelo Superior Geral, Ir. Paulo Afonso partilha passagens memoráveis de sua trajetória

Nascido no interior do estado de Pernambuco, na cidade de Pesqueira, em 16 de outubro de 1942, Irmão Paulo Afonso Ferreira, CM, consagrou-se Irmão Lazarista em 1965. Neste ano de 2021, ele recebeu uma justa homenagem da Congregação da Missão, por meio de uma carta enviada de Roma, redigida pelo Superior Geral, Pe. Tomaz Mavric, CM. No documento, o sucessor de São Vicente de Paulo agradece pelos serviços prestados à Pequena Companhia e o felicita por sua dedicação à vocação de Irmão Consagrado.

Atualmente Ir. Afonso trabalha como missionário vicentino em Serra do Ramalho-BA. Devido à pandemia a reportagem do Informativo não conseguiu viajar para uma entrevista presencial, mas felizmente Ir. Afonso aceitou nosso convite para uma conversa informal, por vídeo chamada. A monitora do projeto Informática São Vicente (ISVIP), Fernanda Cristina da Costa Santana, acompanhou a conversa virtual, prestando o auxílio necessário, acessando e posicionando o microfone para que pudéssemos entender com clareza o que dizia o querido Irmão Afonso.

Portador de voz calma e melodiosa, Irmão Afonso é protagonista de uma interessante trajetória de vida. Nascido em uma família simples, cuja liturgia católica era tradição, estudou em escola de freiras e logo cedo percebeu a sua vocação religiosa: “a gente levantava cedinho para rezar. Eu estudava em um colégio religioso, o que também contou muito.

Afonso ingressou no Seminário de Petrópolis em 1963 e disse que o que mais está em sua lembrança sobre aquela época é o rigor e a sobriedade: “tínhamos que usar batina. Éramos zombados na rua com nome de urubu”. Ir. Afonso contou que ao ingressar na Congregação da Missão, inicialmente ficou vinculado à Província de Fortaleza, mas anos depois acabou se ligando à Província do Rio de Janeiro.

A respeito de sua vocação de Irmão, esclareceu: “Meu objetivo sempre foi ser religioso. Não tinha o objetivo de ser padre. Sou tímido até hoje”. Apesar de alegar tal característica, Ir. Afonso criou uma tradição cultural na cidade de Campina Verde-MG que é mantida os dias atuais: a encenação da Via-Sacra e paixão de Cristo durante a quaresma. Em nossa conversa, o Irmão contou que fixar essa cultura não foi nada fácil: “Foi aos trancos e barrancos. Havia duas comunidades rurais participantes, Andrelândia e Traíras. Não tinha lugar para ensaiar, a vizinhança não queria barulho. Mas, ao final, conseguimos montar a Via Sacra Viva. A ideia foi nascida e criada de mim. Acho muito bonita a paixão de Cristo”.

O Irmão lazarista lembra que recebeu o convite para montar a encenação do pároco, que à época era Dom Saraiva. Ir. Afonso rememorou, com alegria, que ficou à frente da encenação da Via Sacra por quase 40



anos: “eu sempre fui muito rigoroso. Tudo precisava ser muito bem feito.

Ao ser questionado sobre a atividade que mais o alegrou, Ir. Afonso explicou que, sem dúvida, foi ser professor de educação religiosa na escola Nossa Senhora das Graças, em Campina Verde. Ele lecionou nesta escola por 38 anos, até aposentar-se. Nesses quase 40 anos como professor uma das coisas que mais o marcou foi fundar o time de futebol da escola, quando percebeu que o futebol era adorado pelos alunos. O time foi muito longo e chegou a se tornar uma associação homônima à escola.

Neste ano de 2021 Ir. Afonso iria montar a Via-Sacra Viva, de acordo com a metodologia desenvolvida por ele ao longo de décadas de montagem, no entanto, devido à pandemia, não foi possível realizá-la tal qual no passado. “Tirei o texto encenado da bíblia e passei dez anos para colocar o rigor que eu queria, com o texto completo. A encenação durava aproximadamente 2h e o elenco contava com 60 pessoas. Era tudo muito simples, mas foi gradativamente se esparramando”. Ir. Afonso conta que coordenou a Via Sacra também em Brasília-DF, ao longo de três anos.

Sobre os valores que preconiza, Ir. Afonso afirma que sempre teve amor e compaixão para com os pobres. “Sou muito grato por ter sido educado da maneira que fui. Gosto muito de incentivar a presença de jovens na Igreja. E acho que a PBCM deve se manter no caminho que está, de serviço aos pobres, e fazer ainda mais”. ■

À esquerda: Irmão Afonso com o documento que recebeu do superior geral, padre Tomaž Mavrič, em homenagem aos seus 50 anos de consagração na Congregação da Missão.

À direita: acima, Via-Sacra encenada em frente a Igreja Matriz de Campina Verde-MG, nos anos 90. Abaixo, famoso “time do irmão”, multi-campeão na cidade de Campina Verde, nos anos 80.



"TU ME AMAS? APASCENTA MINHAS OVELHAS."

(Jo 21,17)



Ordenação Presbiteral

Com alegria convidamos a todos os coirmãos, familiares e amigos da família vicentina para a ordenação presbiteral do Diácono Ezequiel Alves, CM. A celebração acontecerá no dia 17 de abril de 2021, às 10h, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Contagem-MG e será presidida pelo bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, Dom Joaquim Giovanni Mól Guimarães. Toda a Família Vicentina, comunidades paroquiais e amigos da PBCM estão convidados a participar deste importante marco da vida consagrada do Diác. Ezequiel. Haverá transmissão ao vivo pelo canal oficial da PBCM, no YouTube: youtube.com/lazaristasbrasil. Rezemos por sua vocação!

Encontro do SAVV

Aconteceu no dia 29 de março, via *Google Meet*, das 19h30 às 20h30, o primeiro encontro da nova equipe do Serviço de Animação Vocacional Vicentino, que contou com a presença dos coordenadores regionais da Pastoral Vocacional. Mesmo no cenário da pandemia muitas são as propostas e os trabalhos que já estão em desenvolvimento pelos SAVVs locais da PBCM.



Obras completas de São Vicente de Paulo

Foto: Sacha Leite



Membros da equipe de tradução das obras Completas de São Vicente, em 2018

Estimados Irmãos e Irmãs da Família Vicentina,

Saudações Fraternas.

Nestes últimos anos, a Província Brasileira da Congregação da Missão, com a participação de membros da Família Vicentina, tem se empenhado na tradução para o português (do Brasil) das Obras Completas de São Vicente de Paulo, ou seja, os 14 volumes da edição francesa, compilados por Pierre Coste.

Com toda certeza, os escritos de São Vicente de Paulo constituem um rico tesouro para irmos às fontes de nosso carisma vicentino e renovarmos nossa vida na nossa vocação de missão e caridade. Queremos, pois, divulgar e fazer chegar aos membros da Família Vicentina este rico material bibliográfico.

Para quem desejar, os pedidos de volumes já impressos podem ser encaminhados à Província Brasileira da Congregação da Missão, através do:

E-mail: secretaria@pbcm.org.br

Telefone: (021) 2556-1055 (falar c/ Cristina)

Valor de cada volume: R\$ 45,00

Ao aproximarmos-nos sempre mais das fontes cristalinas de nosso carisma vicentino, com as bênçãos de Deus, sejamos fortalecidos e mais fecundos em nossa missão vicentina!

Fraternalmente,

PEli Chaves dos Santos

- Já foram traduzidos e impressos os volumes de I a VII (correspondência) e XI e XII (colóquios);
- O volume VIII já se encontra pronto para ser impresso;
- O volume XIII (documentos) já se encontra em processo avançado de tradução;
- Os volumes IX e X (Correspondência, colóquios e documentos para as Filhas da Caridade) já se encontram traduzidos em português de Portugal e serão atualizados para o português brasileiro e impressos;
- O volume XIV, referente ao Índice, deverá ser traduzido, com as devidas adaptações, de acordo com as necessidades culturais e pastorais dos tempos atuais.

DICA DE FILME: O VENDEDOR DE SONHOS

Direção: Jayme Monjardim

Lançamento: 2016

Disponível na Netflix

Augusto Cury, reconhecido mundialmente por seus livros, agora se rendeu ao cinema e a uma nova maneira de contar suas próprias histórias. A obra escolhida para ser adaptada foi "O Vendedor de Sonhos". Como a temática de seus livros é a autoajuda, o filme não foge disso; pelo contrário, abraça completamente este gênero.

Julio César é um renomado psicólogo que se encontra desiludido na vida por conta de problemas familiares e não sabe como agir frente a tais problemas. Quando vai até o parapeito do prédio onde trabalha e pretende se suicidar, a pessoa mais improvável aparece: O mendigo Mestre; que tenta ajudá-lo com suas palavras e acaba conseguindo. A partir deste encontro, o psicólogo aceita o sonho de recomeçar e de retomar sua vida. Intrigado e curioso para descobrir mais sobre quem é o Mestre, Julio o acompanha na missão de levar amor, esclarecimento e esperança a todos aqueles que precisam das palavras certas.

O roteiro possui muitos elementos da psicologia e crítica duramente a sociedade capitalista e até mesmo o elemento da ditadura. São temas importantes e atuais para o bem estar da sociedade.

Na relação de ajuda do Mestre (mendigo) e seu discípulo (psicólogo) a película exhibe claramente as diferenças

das classes sociais por meio da fotografia, um detalhe que vale a pena observar. A grandeza e imponência dos prédios no centro comercial de São Paulo, comparada à simplicidade do subúrbio, foi bem explorada neste contexto de diferenças sociais.

A verdadeira protagonista no filme é palavra e sua mensagem é clara e definitivamente merece ser ouvida. Mesmo o enredo soando como um "coaching motivacional" deve-se considerar as frases de efeito, os personagens enigmáticos, os momentos emotivos e os pensamentos otimistas.

A transmissão das ideias do Mestre são passadas com clareza e emoção pelo ator, enquanto Julio traz essa mesma emoção em seus olhares, de maneira muito simples e ao mesmo tempo verdadeira. O interessante é que, por mais que os livros de Cury sejam considerados como autoajuda, o filme vai além disso. Abordando

os temas já citados e incluindo o suicídio como problema social, "O Vendedor de Sonhos" é uma obra que inspira o valor da capacidade de superação do ser humano, sobretudo neste tempo tão desafiante que estamos enfrentando, e que exige de cada um de nós a escuta atenta do sofrimento psíquico de tantas pessoas. ■

Pe. Alexandre Nahass Franco, CM



Dica de Livro: Torto Arado

Autor: Itamar Vieira Júnior

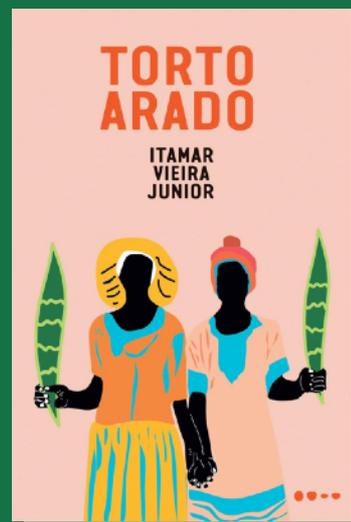
Editora: Todavia

O primeiro romance do escritor baiano Itamar Vieira Junior arrebatou uma série de prêmios importantes como o Jabuti de Literatura e o Prêmio Leya de Livro do Ano.

Passado na Bahia, no sertão, em um contexto rural, conhecemos uma família de descendentes de escravos que vive em um regime ainda de quase escravidão - apesar da lei Áurea já ter sido assinada há mais de 100 anos, em 1888.

As duas protagonistas, as irmãs Bibiana e Belonísia, lidam de formas bastante distintas com a condição em que vivem ao lado da família. Enquanto Bibiana tem uma postura mais conformada com o destino, Belonísia é revoltada com a condição em que a família vive e deseja com todas as forças lutar pela terra onde trabalham.

Num contexto marcado pelo preconceito racial e de gênero, pelo conservadorismo e sobretudo pela exploração, Belonísia sente que o seu papel é conseguir emancipar e libertar todos aqueles trabalhadores que atuam na condição miserável em que vivem. Torto arado é um livro corajoso que pretende fazer um retrato da vida rural da Bahia. Um texto épico e lírico, realista e mágico que revela, para além de sua trama, um poderoso elemento de insubordinação social. ■



Há 50 anos...

Quando os movimentos ecumênicos ainda engatinhavam, o Pe. Audálio Neves, recebeu o reverendo Curt Cleemann, da Igreja episcopal anglicana, para um culto ecumênico na Paróquia de Imaculada conceição, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Leia, na íntegra, como este fato foi noticiado no Informativo São Vicente, em junho de 1971.



Paróquia Imaculada Conceição - Culto Ecumênico

No dia 23 de maio, às 19,30 horas, realizou-se, na Paróquia Imaculada Conceição, em Botafogo, um culto ecumênico, na semana de orações pela unidade dos cristãos.

A matriz estava repleta de fiéis católicos e de nossos irmãos evangélicos.

Após o canto de entrada "Reúne teu povo, Senhor", o pároco Pe. Audálio Neves apresentou o pregador do dia, reverendo Curt Cleemann, da igreja Episcopaliana. Logo em seguida, o canto da unidade cristã "Um só é o Senhor". Depois, o diálogo de louvor e ação de graças a Deus, feito pelo pároco, pastor e fiéis. Depois de uns instantes de silêncio para reflexão, foi feita a prece da unidade cristã.

Em seguida, leitura da Sagrada Escritura, um texto do Antigo e outro do Novo Testamento, e a confissão de fé comum, o nosso Símbolo dos Apóstolos. Falou, então, o pastor Curt Cleemann, brasileiro. Explicou a oração de N. Senhor (João, XVII), de maneira admirável e com todo entusiasmo, sempre dentro do espírito de unidade. Estava com uma longa túnica e estola.

Houve coleta de ofertas para a semana da unidade cristã. Feita a apresentação das ofertas pelo pároco, cantou-se "Perdão, Senhor, perdão por não ser santo".

Foi realizada a súplica pela unidade. No fim, foi dada a benção pelo pároco e pelo pastor.

Terminado o culto, foi oferecido aos presentes, no salão de recepções da paróquia, lanta mesa de salgadinhos, doces e refrigerantes. Foram momentos de agradável confraternização.

O movimento ecumênico na Guanabara, vai tomando impulso. Já iniciado no tempo de D. Jaime Câmara, tem atualmente a plena aprovação de D. Eugênio Sales. Este ano, houve participação de 50 igrejas. ■

Não tenhamos medo,
Deus é muito nosso amigo.

- Dom Antônio Ferreira Viçoso

